2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 37. QUINTA FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

VANTAGENS DA NATURALISAÇÃO DO ALPACA.

O exm.º sr. visconde de Santarem, tão conhecido por seus importantes trabalhos na historia, e na diplomatica, tendo visto em o nosso jornal a noticia relativa á Serra da Estrella, segundo nos escreve n'uma obsequiosa carta, lembrou-se de que o alpaca do Perú (*Camelus cophis* de Linneu) poderia alli medrar e aclimatar-se, á imitação do que se aconselha para aquellas partes dos Alpes e dos Pyrennéus, pertencentes á França: zeloso, pois, por tudo o que póde ser util ao nosso paiz, nos presenteou com a breve memoria, que passamos a trasladar em portuguez, e que tem por titulo: *Considérations sur les avantages de la naturalisation en France de l'alpaca*, por Mr. E. Deville.

Ha quasi cincoenta annos a esta parte, a agricultura tem feito na França immensos progressos; consideraveis terrenos até essa epocha maninhos foram destinados á cultura e fornecem hoje productos como ninguem esperava. Emprehenderam-se e concluiram-se bem importantes trabalhos de enxugamento de terras. Passaram successivamente da theoria para a pratica methodos de cultura aperfeiçoada, e proporcionaram aos nossos lavradores tirar do solo mais avantajados proventos do que nos tempos passados.

Premios, concedidos com generoso discernimento, á creação dos gados, levaram os que entre nós se dedicam a este ramo a um auge na verdade inesperado. Por outra parte os progressos da chimica moderna alumiaram com o facho da racionalidade innumeraveis operações agricolas de subido interesse; a analyse das terras, a dos adubos e sua preparação abriram novo e vasto campo á industria; e se cumprisse particularisar os numerosos melhoramentos que se introduziram só por este lado, seria longa e laboriosa a tarefa. Porém, a par destes brilhantes resultados, quantos trabalhos ha que executar ainda, quantas precisões que satisfazer?

Hoje que as sciencias e as artes disputam a gloria de melhorar a sorte da nação, por descobrimentos interessantes e uteis, nada tão facil como ver em o nosso territorio o equivalente das formosas lãs de Cachemira, cujos productos em cada anno levam uma parte da riqueza do nosso paiz para os estrangeiros.

A posse dos alpacas promette vir a ser nova origem de prosperidade para a agricultura franceza, e poderá até obstar ás eventualidades que a ameaçam. Sobre esta questão importante tem-se publicado memorias em diversas occasiões. Quer na França, quer fóra della, a imprensa em artigos successivos tem procurado attrahir a attenção sobre este assumpto, que interessa em tão subido grau o proveito e o credito nacional.

No decurso da prolongada expedição que fiz ao interior da America Meridional, por ordem do governo e debaixo da direcção de Mr. de Castelnau, tive occasião de ver e de estudar os animaes de que vou fallar, e que merecem a tantos respeitos a attenção de um governo illustrado, como é o nosso.

Esperava poder tratar extensamente da importação destes animaes e sua acclimatação na França; porém, infelizmente fui interrompido no meu trabalho por uma penosa enfermidade, consequencia das minhas fadigas. Mas, vendo apparecer todos os dias novos escriptos sobre esta materia, quiz contribuir tambem para o progresso desta grande e importante questão.

Offereço aqui aos agricultores e aos homens da sciencia o extracto do trabalho que emprehendi sobre o assumpto; e me darei por feliz se estas poucas linhas obtiverem sua approvação; e dobradamente feliz se poderem ajudar a resolver o problema da acclimatação do alpaca em França.

Nestes ultimos tempos, Mr. Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire, n'um relatorio geral sobre as questões relativas á domesticação e á naturalisação dos animaes uteis, dirigido por elle ao ministro da agricultura e commercio, fez que a questão desse um grande passo, se é que não a resolveu completamente. Numerosos ensaios de importação dos animaes de que tratamos

foram tentados com vantagem em differentes partes do globo, tanto na Europa como em a America do Norte.

Na Inglaterra, na Escocia, na Prussia, e em França, já existem ha muitos annos; o bom estado de saude em que se tem conservado dissipou todos os receios que poderiam conceber-se quanto á difficuldade da sua acclimatação. Portanto, parece hoje completamente resolvida a questão, tanto pelas reproducções continuamente alcançadas no pateo dos bichos do museu de Paris, como pelas muitas importadas recentemente da Hollanda, ao presente no instituto agronomico de Versalhes: animaes que virão a ser, como espero, a raiz de uma de nossas futuras riquezas.

Em Inglaterra, a importação dos alpacas tornou-se uma questão pratica de economia agricola; grande numero de proprietarios possuem rebanhos, ainda pouco numerosos é verdade, mas que não tardarão que augmentem pela procreação.

N'um paiz, como o nosso, extenso e variado quanto ao clima e á configuração, bem longe de convir cada terreno a todo o genero de cultura e á creação de toda a casta de gado, ha, pelo contrario, grande numero de localidades, onde a natureza e a disposição do terreno, a sua maior ou menor elevação, o seu estado hygrometrico, a sua temperatura, promovem obstaculos insuperaveis ao estabelecimento das culturas ordinarias, e á creação de certos gados. Os territorios montanhosos estão mais ou menos neste caso. O Novo-Mundo nos offerece um recurso precioso, apressemo-nos a aproveital-o tomando um emprestimo á America, que certamente legitima o abandono que havemos feito de todas as nossas raças de gados; e se estas ultimas perfeitamente medraram em todas as partes da America onde encontraram condições de existencia em relação com as que entre nós lhes eram favoraveis, porque rasão duvidariamos de que, por analogia, os animaes do Novo-Mundo podessem medrar entre nós, uma vez collocados sob condições analogas ás que desfructam no seu paiz originario?

A acquisição do alpaca será para a agricultura de nossas montanhas uma era inteiramente nova, será uma verdadeira época de renascimento; com o auxilio desses mui uteis animaes, immensos terrenos até agora improductivos poderão fornecer não só um supplemento importante á alimentação do nosso povo, mas tambem á nossa industria o precioso recurso de lãas que, pela sua natureza, comprimento e finura, são susceptiveis de entrar no fabrico desses tecidos lisos, singelos e macios ao mesmo tempo, cuja manufactura, ha annos a esta parte, faz tantos progressos e adquire tamanha importancia.

Circumstancias de summa gravidade, conhecidas em mui curto espaço de tempo, vieram augmentar a necessidade, já evidente, em que a França hoje está de introduzir o melhoramento das lãas, se toma a peito, não só dilatar mas até conservar a sua preeminencia entre as nações europeas sob o duplo aspecto agricola e fabril.

Com effeito, a Inglaterra, nossa rival, possue na actualidade em suas colonias da Nova-Hollanda um manancial de producção immensa, crescendo de dia para dia, que será illimitada, e donde tirará centenares de milhões de kilogrammas de lãa merinos da mais bella qualidade. Estas lãas, comprehendidas todas as despezas, mesmo as de transporte para a Europa, não lhe ficarão por um preço mais alto do que esse por que se vendem entre nós as lãas mais communs.

Na presença de uma eventualidade tão ameaçadora, tão inevitavel, não será facil prever em que virão a parar nossos rebanhos de ovelhas? Acaso não procurará a Inglaterra, pela concorrencia directa nas lãas, aniquilar entre nós os meios de producção, inundando com as que extrahir da Australia todos os mercados da Europa; ou não augmentará indefinidamente o seu fabrico de tecidos para arruinar as nossas fabricas, por meio de outro commercio não menos facil e da mesma maneira desastroso?

O futuro das lãas consideram-no geralmente todos os industriaes, que empregam esta materia prima, como fortemente arriscado, porque as trazidas dos paizes estrangeiros offerecem grandissimas vantagens na manufactura de muitos tecidos, tanto pela sua qualidade como pela sua barateza nos mercados estrangeiros.

Do melhoramento das raças e da diminuição dos preços depende a questão do futuro para as nossas lãas de ovelha.

Caracteres zoologicos dos lamas, alpacas e vicunhas. O lama ou guanaco. (*Ovis peruana* de Hernandez e Marcgraave; *Camelus lama* de Linneu) É um animal essencialmente da America do Sul, onde parece representar o camelo, ao qual, com effeito, se assemelha a muitos respeitos, pertencendo como elle á familia dos ruminantes.

Habita a parte superior da Cordilheira dos Andes n'uma altura media de 3·000 a 3:500 metros, e em climas cuja temperatura varia de 5 a 18 graus. A altura media do corpo deste animal é de um metro e 30 centimetros (cinco palmos e oito decimos proximamente) a um metro e 70 cent.; a largura é de um metro e 60 cent. a um metro e 90 cent. Tem a cabeça alongada, bastante delgada e de fórma elegante, olhos grandes, vivos e salientes, cercados de pestanas longas e bastas, focinho chato e ventas afastadas, o beiço superior grosso e rachado, o inferior um pouco pendente; as orelhas são mui compridas, arredondadas e dirigidas para diante. É este o caracter que distingue o lama do alpaca.

A côr dos lamas varia; a mais commum é parda e preta, mas passa, pela mistura destas côres, ao pardo claro, ao cinzento, ao amarellado ruivo e ao branco.

Os pés são fendidos, de plantas callosas, terminadas por uma pequena unha recurvada, adherente só á ultima phalange; tem um esporão para traz; cauda curta e revirada terminando em pellos compridos.

O systema dental é o mesmo que o dos camellos; portanto, appresenta nas queixadas superior e inferior, incisivos 2 e 6, caninos 2 e 4, molares 5 e 5, e 5 e 5: total 34 dentes.

A lã deste animal é mui fina, lustrosa e de boa qualidade; tem geralmente de um decimetro a um e meio de comprimento.

A gestação é de dez mezes. As femeas não parem de ordinario senão um filho, raras vezes dois; tem quatro tetas. Na idade de tres annos, a femea está

apta para a geração. Estes animaes vivem na America vinte e cinco a trinta annos.

N. B. Farei observar que diversos erros se tem commettido relativamente á gestação destes animaes. Segundo Mr. Walton seria de seis mezes; conforme Mr. Laverrière, n'um artigo que publicou no *Jornal de agricultura pratica*, em abril de 1849, seria de sete a oito mezes. Estes dois auctores estão enganados; é de dez mezes na America: e é certo que varia conforme o animal se approxima da Europa. Pelo que podémos observar nos animaes da collecção viva do Museu de historia natural, e como no-lo confirmou Mr. Bibron pae, incumbido de tractar destes animaes, a gestação é de onze mezes em França.

O alpaca ou paco (*Camelus alpaca*, *Ovis peruana*, *et Paco dicta*, de Hernandez; *Camelus cophis*, de Linneu; *Alpaque* de Frejus) assim como o lama, é um animal essencialmente da America do Sul; habita as mesmas localidades. Accrescentarei que, na minha opinião, não passa de ser uma variedade daquelle. Tem a cabeça mais curta do que o lama, as orelhas menos compridas, rectas e dirigidas para diante: uma poupa de longos pellos, o pescoço mais curto e mais fornido; é mais rasteiro de pernas, e em geral mais rechonchudo e reforçado: tem o mesmo systema dental do lama.

Na côr tem a mesma variedade; a differença é só que a lã do alpaca é infinitamente mais fina, mais assedada, e mais flexivel que a do lama: e por esta circumstancia insistirei especialmente na acclimatação do alpaca. A gestação é igualmente de dez mezes.

A Vicunha (*Vicunia Camelus.*) Este animal distingue-se perfeitamente dos dois precedentes pela estatura que é quasi metade mais pequena. Cabeça curta, arredondada na parte posterior; olhos grandes e pretos; orelhas de tamanho mediano, rectas e dirigidas para diante, cobertas de pellos curtos exteriormente, unhas mui recurvadas, chatas lateralmente; pescoço longo e delgado; os membros anteriores revestidos de umas mangas de longos pellos de amarello aleonado; ventre e parte interna dos membros de côr fouveira. O resto do corpo coberto de pello assaz curto, lanoso, e de côr ruiva de folhas seccas.

É um animal de extrema timidez, tendo a apparencia do veado. No estado de domesticidade, é de grande mansidão, deixa-se afagar, e sabe reconhecer perfeitamente todas as pessoas que tratam delle.

Depois de haver dado os caracteres zoologicos dos lamas, alpacas e vicunhas, vou entrar em considerações sobre estas especies na America.

O lama, que é denominado *guanaco*, já se não encontra em estado selvagem; está espalhado nas lombas da Cordilheira, misturado com os alpacas e ás vezes com as vicunhas. Os sitios onde vi mais animaes destes foram os arredores do lago Titicaca, Potosi, Orouro, la Paz, Puno, e Arequipa; demais disso, acham-se em toda a parte superior da Cordilheira dos Andes, onde vivem em rebanhos numerosos.

Entre as localidades acima citadas, aquellas onde se empregam mais estes animaes são la Paz, Puno, e Arequipa. Ahi servem de bestas de carga, de gado para açougue, de animaes que fornecem material á industria, e neste ultimo prestimo é que elles são mais uteis. Fazem-se nessa cidade com as suas lãas muitos tecidos, taes como, barretes, tapetes, meias, *ponchos* (especie de capas) etc. etc.

O pezo com que ordinariamente carregam estes animaes é de 40 a 50 kilogrammas. Não podem ser carregados todos os dias, e por isso n'uma recua ha pelo menos o dobro do numero necessario. Todavia podem caminhar seis dias seguidos, mas não podem andar mais de tres a cinco leguas por dia. São conduzidos, sómente em certas epochas do anno, aos valles menos distantes das cidades, a fim de que elles mesmos levem os seus vellos aos pontos mais favoraveis para a carregação.

A mesquinhez dos pastos, junta ao clima do Perú, não é mui favoravel ao crescimento da lã; por isso não se guardam estações regulares para a tosquia destes animaes: ha, comtudo, muitas localidades onde a tosquia se faz todos os annos, e n'outras uma vez em dois annos. Esta operação tão importante, e que poderia ser de um grande producto para o commercio industrial do paiz, é feita com muita negligencia. Raras vezes se pratica a separação das cores e das qualidades; feita a tosquia, atira-se com a lã toda para um monte. No entanto, em Carabaya tomam esta precaução; ha o cuidado de fazer divisão das cores antes de remetterem as lãs ao sitio do transporte.

O véllo de um alpaca annualmente tosquiado fornece perto de 6 a 8 kilos de lã, e ás vezes nos animaes mais nédios chega a deitar 8 a 10 kilos.

Não se conclua, porém, do que fica dito que a tosquia dos lamas e alpacas é universalmente praticada; ao contrario, grande quantidade dos referidos animaes nunca são tosquiados; e postoque, por uma singular anomalia, o véllo as mais das vezes tenha maior valor do que o proprio animal, é tal a indolencia do indio que perde frequentemente, por preguiça, rendimento assas consideravel. Em todo o plató boliviano, o preço medio de um lama ou alpaca regula por quatro piastras (3$200 réis), e avalia-se o valor da sua lã ainda em mais uma quarta parte, isto é, quatro mil réis. Nas localidades mais proximas á cidade de Lima, o preço do animal varia de 7 a 8 piastras. *(Continua.)*

INSTRUMENTOS AGRICOLAS, MANDADOS A PORTUGAL PELO SR. GERALDO JOSÉ DA CUNHA.

(Continuado de pag. 389.)

Arado de aivecas moveis. — Este instrumento, que os francezes denominam *binoir*, serve a dois intentos; 1.º póde empregar-se como a charrua para abrir largos regos e revolver a terra para a direita e para a esquerda, a fim de a expor á acção da atmosphera, e de a fazer seccar mais promptamente quando o terreno é muito humido; 2.º trabalhar com elle entre as fileiras de beterrabas, de batatas e de nabos para abacellar estas plantas. Alargam-se mais ou menos as aivecas, conforme a distancia dessas fileiras.

Os dois ferros collocados perto das aivecas servem para sachar, e arrancar as hervas nocivas que o arado enterra. É necessario prestar grande attenção á altura que se dá ao ponto de prisão do tiro

do gado, porque tem muita influencia na profundidade do lavor, e no esforço que deve fazer o cavallo.

Maquina para triturar as favas e o milho. — Muitos animaes comem com tamanha avidez os seus alimentos que os engolem sem mastigal-os, e por consequencia lhes produzem pouco ou mau effeito. Para prevenir este resultado e para abreviar o trabalho da masticação, faz-se uso da maquina de pilar as favas e o milho; com ella se trituram os grãos do tamanho que se julga conveniente; e por maior que seja a voracidade do animal, os alimentos reduzidos áquelle estado elaboram-se no estomago como se fossem mastigados.

Lava-raizes. — Os animaes são como a gente amigos do sustento aceado e bem preparado; sendo sujo repugna-lhe, e muitas vezes os faz emagrecer. O lava-raizes tem por destino facilitar ao trabalhador a limpeza das raizes que o gado come; e dá resultados rapidos e completos. Fazendo girar a manivella da direita para a esquerda, o cylindro raspa a terra e a areia que adherem ás beterrabas, nabos, cenouras, etc.; e as substancias terreas, lavadas pela agua, cahem no deposito da mesma, o qual se limpa de tempo a tempo.

Estando a limpeza feita, faz-se girar o cylindro no sentido inverso, e as raizes são levadas ao escoadouro por onde cahem no cesto.

Corta-raizes. — Basta examinar este instrumento para vêr-se que segundo a direcção do seu movimento se cortam as raizes em talhadas ou bocados. No fim de cada tarefa é necessario limpar os ferros que estão empastados; é um inconveniente que tem todos os corta-raizes sem excepção. O que se appresenta é com rasão considerado como o melhor que se conhece. É mister que as raizes sejam lavadas para não fazer mossas nos ferros. É um instrumento facil de desmontar e reparar.

Corta-palha. — Os cavallos e outro gado gostam pouco da palha, que é, todavia, um sustento sadio e refrigerante. e ao mesmo tempo uma fonte de economias para o cultivador. Para obrigar os animaes a comer a palha corta-se ou pica-se com o instrumento designado.

O corta-palha de hélice ou rosca póde aviar até 50 molhos no espaço de uma hora, mas é trabalho para tres homens. Deve apertar-se fortemente a palha para que lhe peguem bem os cylindros.

Advertencia. — De todos os instrumentos que temos mencionado, o *semeador* é o que exige mais attenção. Deverá lêr-se attentamente a nota que lhe diz respeito, examinando ao mesmo tempo o instrumento para bem a comprehender. Esta noticia é completa, e é mister conformar-se com ella, porque é o resultado de muita pratica. Sobretudo, advirta-se que o punho ou péga da corrente deve sempre ser puxada fóra da sua abertura, e sustida pela sua móla: é a corrente que passada por baixo do semeador mantem as relhas enterradas á profundidade que se pertende. É só para altear o semeador, e fazel-o voltar sem que as relhas rossem pelo chão, que se deve estirar a corrente, introduzindo o seu punho na abertura contra a qual está sustida; e para isso é preciso, pegar no sobredicto punho, levantal-o e empurral-o ao mesmo tempo: levantando-o comprime-se a mola e o punho entra naturalmente na sua abertura: é o unico movimento que exige algum cuidado. O desmontar do tronco dos cylindros das pás deve fazer-se com cautela; é necessario sacudil-o, e obrar com tento e brandamente levantando o tronco para o angulo superior e posterior da caixa.

CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAS VEGETAES ALIMENTICIAS.

A seguinte nota foi communicada ao Instituto de França por M. Masson.

Ao cabo de longas indagações, datando as primeiras de perto de dez annos a esta parte, o auctor chegou, por meio de um processo simples e inteiramente industrial, a seccar as substancias vegetaes, em especial as hortaliças, sem lhes alterar a constituição, e a reduzil-as a mui diminuto volume, sem que percam o sabor e as qualidades nutrientes.

O processo consiste na exsiccação a uma temperatura baixa, em estufas aquecidas a 25 gráos pouco mais ou menos; e na compressão mui energica dada pela prensa hydraulica.

A primeira operação priva as substancias da superabundancia de agua que não é indispensavel á sua constituição, e que em certos vegetaes, por exemplo as couves e as raizes, eleva-se a 80 e 85 por cento de seu pezo no estado de frescas. A segunda operação reduz o seu volume, augmenta-lhes a densidade, levando-a á de madeira de pinho, e facilita assim a conservação, a arrumação e o transporte daquellas substancias.

Para usar das hortaliças assim preparadas basta remolhal-as por 30 a 45 minutos em agua quente; deste modo recuperam toda a agua que lhes foi extrahida; cozem-se por espaço de uma hora ou duas, conforme a sua natureza; e temperam-se depois ao modo ordinario.

Numerosas experiencias, feitas pela marinha, e narradas nos relatorios que o auctor transmitte por cópia ao Instituto, certificam a qualidade e perfeita conservação dos productos, passados quatro annos de embarque.

Por exemplo, uma caixa de couves, embarcada a 29 de janeiro de 1847, na corveta *Astrolabio*, foi aberta nos primeiros dias de janeiro de 1851; couves somente seccas, porém não espremidas na prensa; mettidas em consumo observou-se que — « 200 grammas de couves, postas de molho em « agua quente só uma hora, absorvem 850 gram- « mas de agua; cozidas depois por espaço de duas « horas, o seu peso elevou-se a 1,300 grammas;

« preparadas com manteiga e toucinho fizeram um « prato de excellente gosto. »

(Relatorio da commissão de viveres de marinha, 6 de março de 1851.)

Este processo applica-se aos espinafres, legumes verdes, raizes, tuberculos, e até aos fructos. — As hortaliças seccas e espremidas dispoem-se de ordinario á maneira de formas ou pastilhas quadradas de sete pollegadas de lado, forradas de uma folha delgada de estanho, pesando cada uma 500 grammas, podendo fornecer 20 rações de 25 grammas (7 oitavas). Guardam-se ás dez em caixas de lata.

COMMUNICAÇÕES INTERNAS.

Cumprindo a promessa feita em o nosso precedente numero estampamos os seguintes

Estatutos da Companhia Movimento.

Artigo 1.° É formada uma companhia com o titulo de = Companhia Movimento = que terá por fim estabelecer communicações por meio de diligencias entre Lisboa e as mais cidades e villas do reino que mais convier.

§ *unico.* O seu emblema será uma diligencia tirada a quatro cavallos, com a legenda = Companhia Movimento. =

Art. 2.° O seu capital é de cem contos de réis, divididos em dez mil acções de dez mil réis cada uma.

Art. 3.° A sua gerencia é commettida a uma direção, que será nomeada pela assembléa geral dos accionistas.

Art. 4.° A duração da companhia será pelo espaço de quinze annos, o qual será renovado, com previa auctorisação do governo, todas as vezes que dois annos antes de findo este praso, o numero de accionistas, que pelo menos representarem dois terços do capital da companhia, nisso concordarem.

Art. 5.° As acções serão nominativas e transmissiveis por indosso dos accionistas.

Art. 6.° A sua representação é pessoal.

§ *unico.* Resalva-se neste artigo o marido, que póde representar sua mulher, o tutor ao menor, e os procuradores que administram ou gerem os interesses de quaesquer corporações, ou casas de commercio.

Art. 7.° As prestações sobre as acções serão de cinco por cento de cada vez, e não poderão ser pedidas sem o intervallo de trinta dias entre cada uma dellas, excepto a primeira, que será de dez por cento, e paga logo que estes estatutos estejam approvados pelo Governo.

§ *unico.* Os accionistas serão obrigados a entrar pontualmente com as prestações que lhes forem requisitadas pela direcção, na conformidade deste art. O que não fôr pontual em satisfazer estas requisições, perde o direito de continuar o ser socio, propondo-se a sua exclusão da sociedade na primeira reunião da assembléa geral. Em quanto porém esta exclusão não fôr determinada pela mesma assembléa, pelos votos de duas terças partes dos socios presentes, permanece o seu direito aos lucros, e a sua responsabilidade pelos prejuisos que tiver havido na companhia, sendo obrigado pelos juros da demora da sua quota.

Art. 8.° Nenhum accionista é responsavel por mais do que o capital nominal de suas acções, na conformidade do art. 543 do Codigo Commercial, salva a disposição do art. 541 do mesmo Codigo.

Art. 9.° Todo o accionista tem direito a inspeccionar a contabilidade da companhia nas épochas marcadas para a apresentação della em assembléa geral.

§ *unico.* Não póde comtudo fazer extractos della sem auctorisação da assembléa geral.

DA ASSEMBLÉA GERAL.

Art. 10.° A assembléa geral compõe-se dos cincoenta maiores accionistas que tenham as suas acções respectivas averbadas na companhia, pelo menos, seis mezes antes da sua convocação, e apresentando-as limpas de indossos em branco.

§ *unico.* Julga-se constituida a assembléa geral, seja qual fôr o numero dos accionistas presentes, uma vez que previamente tenham sido avisados por carta, ou por annuncios no *Diario do Governo*, e em outros jornaes, com antecedencia, pelo menos, de oito dias, salvo em caso urgente. Todas as votações serão relativas ao numero de accionistas, que assistirem a ellas.

Art. 11.° Pertence á assembléa geral:

1.° Eleger o seu presidente e vice-presidente, secretario e vice-secretario; todas estas eleições são annuaes, as suas funcções são gratuitas.

2.° Ouvir o relatorio annual da direcção.

3.° As suas propostas e as communicações são tendentes a promover os interesses geraes da companhia.

4.° Eleger uma commissão para rever, e dar o seu parecer sobre as contas e mais trabalhos da direcção. Esta commissão será composta de cinco membros, eleitos á pluralidade relativa de votos tomados em escrutinio secreto.

5.° Resolver em seguida á revisão supra o dividendo que deve ser rateado pelos accionistas.

6.° Eleger a direcção que deve administrar os negocios da companhia.

7.° Intervir geralmente em todos os negocios que se julgar de interesse geral da companhia.

Art. 12.° A convocação ordinaria da assembléa geral será todos os annos em 31 de janeiro e 15 de fevereiro, devendo as contas, balanço e relatorio apresentadas nesta occasião, comprehender o anno anterior decorrido desde o 1.° de janeiro até 31 de dezembro.

Art. 13.° Além desta convocação, haverão todas as mais extraordinarias que determinar o presidente a pedido da direcção, ou de um ou mais possuidores, que reunirem cinco contos de réis de acções; todas estas convocações serão motivadas.

Art. 14.° De todas estas convocações se lavrará a competente acta, que será lançada em livro guardado pelo secretario da assembléa geral e rubricado pelo presidente.

DA DIRECÇÃO.

Art. 15.° A direcção será composta de tres mem-

bros, que serão eleitos annualmente, e mais dois supplentes, eleitos pela mesma maneira, que só entrarão em funcções pelo impedimento de algum director, servindo primeiro o mais votado, e em caso de igualdade de votos, o mais velho em idade.

§ *unico.* Todo o director deve ter em seu nome averbadas, seis mezes antes da sua eleição e limpas de indossos em branco, vinte acções, pelo menos, que depositará na companhia durante a sua gerencia.

Art. 16.° As suas obrigações são:

1.° O estabelecimento das diligencias e designação das suas viagens.

2.° A compra ou aluguer de todo o material, generos e bestas precisas para o exercicio desta empreza.

3.° O engajamento do pessoal necessario para o transito, assim como para a manutenção das officinas, e para o penço das bestas.

4.° A instalação do escriptorio, e da sua contabilidade por partidas dobradas, e as mais auxiliares que pedir a natureza deste commercio.

5.° Propôr o dividendo, que se deverá ratear pelos accionistas.

6.° Superintender com a mais constante e zelosa attenção sobre todas as repartições e objectos, para que tudo marche com a devida regularidade.

§ 1.° Todos os actos da direcção serão assignados por dois directores, sem o que não terão validade.

§ 2.° Nenhum director póde ser fiador de transacção alguma para com a companhia.

§ 3.° Nenhum director poderá ter identico commercio do da companhia durante o periodo da sua gerencia.

§ 4.° Na direcção haverá um livro de actas aonde se lançarão as suas deliberações.

§ 5.° Todas as transacções principaes da companhia serão tractadas conjunctamente por todos os directores.

§ 6.° Assim mesmo serão assignados todos os documentos, que tiverem de ser por ella apresentados á assembléa geral.

§ 7.° Na transferencia da direcção finda para a direcção nova, serão rubricados todos os balanços e existencias pela direcção antiga.

Art. 17.° A direcção receberá, para dividir entre si, cinco por cento dos lucros liquidos da companhia.

§ *unico.* Os supplentes vencerão sómente a parte correspondente ao director que vagar durante o tempo do seu impedimento.

ARTIGOS ADDICIONAES.

Art. 18.° Em quanto não estiver totalmente entregue na caixa da companhia o capital do seu fundo, fica expressamente prohibida a accumulação de mais de dusentas acções sem previa auctorisação da assembléa geral, e approvação do governo. Do mesmo modo não serão permittidos os trespasses, vendas, ou cessões das acções, que ainda representarem valores não satisfeitos, sem preceder reconhecimento pela direcção da idoneidade dos novos socios, para solver o capital a que estão obrigadas as acções, não podendo sem este reconhecimento ser feito novo averbamento, e permanecendo até este acto a responsabilidade do anterior accionista.

Art. 19.° O domicilio desta companhia é fixado nesta cidade de Lisboa.

Art. 20.° Além dos casos e termos em que o direito auctorisa a dissolução social, poderá esta ter logar antes de findo o praso declarado no art. 4.° para a duração desta companhia, por accordo dos socios interessados em tres quintos do capital, com precedente auctorisação do governo, e garantidos todos os direitos dos credores da companhia, na conformidade do que dispõe o art. 543 do Codigo Commercial Portuguez.

Art. transitorio. A direcção fundadora que tem de estabelecer a companhia, como de facto a estabelece por esta escriptura, será por esta vez, como excepção do disposto no art. 15.° desta escriptura, composta delles outorgantes o excellentissimo Franck Jaime Quintella, os illustrissimos José Joaquim Januario Lapa, e Jorge Augusto Altavilla, e entrará em funcções immediatamente, e elles socios fundadores se obrigam desde já a fazer a inscripção de socios pela quarta parte do capital representativo, bem como se obrigam a responder igualmente, desde já, por um decimo do capital social, e se obrigam outro sim, á inscripção dos accionistas pelas tres partes restantes do mesmo capital social, dentro do praso de doze mezes contados de hoje em diante.

§ *unico.* Esta direcção, para poder effectuar bem a fundação de tão util companhia, e desenvolver os fins e intentos della, durará por cinco annos.

Art. ultimo. Para que tenha effeito e validade qualquer alteração ou reforma dos presentes estatutos é indispensavel não só a regia auctorisação, como tambem a convocação e annuencia de accionistas que representem, pelo menos, dois terços do capital da companhia. — *Franck Jaime Quintella — Jorge Augusto Altavilla — José Joaquim Januario Lapa.*

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 426.)

Escreve o barão de Holbach na sua *Moral Universal* que ao bemfeitor cumpre poupar a delicadeza daquelle a quem beneficia, se quizer merecer o seu reconhecimento, e que o homem que obra de outro modo, pagando-se por suas mãos, nada mais póde exigir. Como este fallam todos os moralistas; não ha pois a minima duvida, que quando aquelle que faz um beneficio continuamente o atira á cara do beneficiado, esse beneficio converte-se n'uma injuria, e o bemfeitor perde todo o direito á gratidão.

Porém já que o *Estandarte*, e outros periodicos, aos portuguezes chamam mal agradecidos, não podem levar a mal que elles queiram saber, quaes são os beneficios a que alludem.

Serão os que alguns delles por ahi em particular recebem dos brasileiros? Se destes fallam, confesso que me acho mui individado para com os filhos do Brasil com quem contrahi relações. Tenho de todos recebido o mais benevolo e generoso acolhimento, e

folgo de neste logar, alto e bom som, lhes dar um sincero testimunho da minha gratidão. Os meus patricios que se acharem em identicas circumstancias, farão o mesmo quando poderem. Mas acaso compete ás gazetas o lançarem-nos em rosto favores individuaes devidos á amisade? Isso passaria os limites do ridiculo.

Se não alludem a estes beneficios, de quaes fallam? O portuguez vem para o Brasil á sua custa, não despende ao thesouro um só real, nem gosa isenções algumas: comtudo desde que salta em terra até que se retira, ou morre, é quasi incessantemente vilipendiado por uma parte da imprensa brazileira, por certo não a maior, nem a mais sensata e independente. Que nome injurioso e feio, ou que o pareça, possue a lingua portugueza que não tenha sido applicado aos portuguezes? Ladrões, assassinos, porcos, estupidos, marinheiros, puças, breados, pés de chumbo, lambudos, sebentos, inimigos dos brazileiros, fezes, refugo, intrigantes, e outros que ou nada significam, ou pela excessiva prodigalidade com que são distribuidos, já teem perdido quasi tudo quanto de asqueroso e ignominioso tinham nos vocabularios; eis para certos periodicos a ladainha de todos os dias, e as principaes bellezas com que enfeitam as suas paginas. Mas estes *favores* não são senão os preludios de outros *melhores* que de vez em quando apparecem. Fallo nos *mimos* com que as vinagradas, as balaiadas, as pernambucanadas, e outras iguaes catastrophes por toda a parte tem obsequiado os filhos de Portugal; os quaes mimos consistem em muitas vidas portuguezas impunemente ceifadas por mãos assassinas. Com esta pincelada creio que fica quasi completo o quadro dos *favores* que nos lançam em rosto, e o *Estandarte* que diga se lhe dei escuro de mais.

A parte mais sã da população, confesso-o com gosto, reprova estas vergonhas, estas atrocidades, que fazem duvidar se não resuscitaram os seculos da barbaridade. Os ministerios de todas as parcialidades politicas, confesso-o com igual prazer, tambem por vezes tem dado provas de quererem cohibir aquelles excessos; mas como o conseguiriam quando a si mesmos mal se tem podido fazer respeitar? Por melhores que sejam porém os sentimentos do governo, e os da maioria da nação brazileira, o certo é que a voz dos bons é constantemente abafada pela voz dos maus, a qual impunemente vai triumphando.

Sendo incontestavel quanto acabo de referir, póde-se dizer que o agazalho, que tanto lembram aos portuguezes, unicamente consiste em não os mandar prender apenas desembarcam.

As leis do imperio consentem a todo o estrangeiro, christão ou moiro, residir nelle em quanto as respeitar. Os lusitanos não o habitam por mercê especial: logo em os deixar entrar não se dá o minimo favor. E se o houvesse seria reciproco. Todos os brazileiros pódem, quando lhes convier, ir morar em Portugal; e, o que vale mais, podem-no fazer sem temer maus tratos, nem affrontas.

Como porém alguns periodicos tão a miudo recordam aos portuguezes os *favores e o agazalho que delles recebem*, é bem que fiquem agora sabendo, que se na admissão dos lusitanos ha favor, é para o Brazil.

A grandeza e a força dos estados não se medem pelas leguas quadradas da sua superficie, mas pela extensão da sua agricultura, do seu commercio, e da sua industria, e por consequencia da sua população, porque sem esta não ha commerciantes, lavradores, nem fabricantes. Ora, não possuindo o Brazil um vigessimo da população de que carece, claro está que tem summo interesse em abrir a porta á dos outros paizes, e que esta lhe faz favor em cá vir.

É mui provavel que sete decimos dos estrangeiros que buscarem as suas praias não conduzam oiro nem prata, mas nos braços com que trabalham trazem-lhe uma riqueza immensa, e a melhor. Na Inglaterra e na França abundam os braços, mas falta o trabalho; aqui succede o inverso. O paiz é vastissimo, e, prescindindo mesmo da exploração das minas dos metaes preciosos, offerece variadissimos productos que só esperam por braços para derramarem por todo elle enormes riquezas. Logo, quem souber multiplicar os braços, terá alcançado o meio de dar grande incremento á publica prosperidade. Se os brazileiros deixarem em paz o estrangeiro que trabalha, elle se irá enriquecendo, porém a riqueza nacional caminhará *pari passu* com a delle, se o governo a seu respeito se houver com a sabedoria necessaria. Consiste esta em preparar uma tal combinação de interesses que o particular, brazileiro ou estrangeiro, trabalhando para si, trabalhe conjunctamente para o engrandecimento da nação.

O dever de acolher benignamente os estrangeiros é hoje um axioma governativo; é uma das condições da civilisação, mesmo a respeito dos povos a quem superabunda a população, com a differença de que a estes basta-lhes o dar ao estranho simples agazalho e protecção, em quanto os que carecem de população, necessitam fazer muito mais.

É por este motivo que o governo imperial manda buscar colonos ao norte da Europa, paga-lhes a passagem, ministra-lhes terras, alimentos, sementes, ferramentas, e concede-lhes privilegios.

É pelo mesmo motivo que o regulamento de 30 de maio de 1836 no art. 83 § 2.° perdoa direitos de ancoragem a toda a embarcação que de *qualquer paiz* transportar para este cem colonos brancos sem distincção de idade nem de sexo.

Ainda é por esse motivo que o aviso de 16 de novembro de 1835 fez expedir ordens aos consules e vice-consules brazileiros nos Açores para auxiliarem certa empreza de colonisação, que pertendia transportar açorianos para o Brazil.

É por elle que a lei de 18 de setembro de 1850 no artigo 18 auctorisa o governo a despender annualmente alguns contos com a introducção de colonos livres.

È finalmente por esse motivo que a lei provincial maranhense n.° 106 de 27 de agosto de 1841 auctorisou a despeza annual de seis contos para a colonisação estrangeira, e que todas as collecções de leis geraes e provinciaes estão cheias de providencias no mesmo sentido.

Á vista disto não tenho motivo de sobra para affirmar que o portuguez que vem aqui estabelecer-se, trabalhar, e contribuir para o thesouro em proporção dos seus haveres, faz um serviço ao imperio?

Se a emigração portugueza, em vez de correr para o Brazil, buscasse as regiões do norte, achaes que

se lhes fechariam as portas? Pois os Estados-Unidos que as franqueam aos homens de todas as nações, sem excluir os mais depravados e criminosos, vedariam nos seus dominios ingresso aos meus conterraneos? Não vedavam, e melhores proporções tinham estes de lá se enriquecer do que aqui, por haver entre os inglezes americanos incomparavelmente mais movimento commercial, agricola, e industrial, além de muita mais estabilidade na ordem publica, e segurança individual.

Os portuguezes tem, todavia, suas rasões para preferir o solo brazileiro. Frequentemente acham nelle parentes ou amigos, que n'outros climas só mais tarde encontrariam. A conformidade nos costumes, na lingua, na religião, e nas leis tambem suadem a muitos; e não poucos são induzidos a demandar estas praias por certos especuladorss de pessima moral, que para poupar aos seus navios os direitos de tonelagem, e para accrescentamento dos fretes, mandam pelos povos de Portugal e Açôres seduzir a inexperiente mocidade com a perspectiva de uma riqueza proxima, inteiramente illusoria, para depois aqui os venderem quasi como negros d'Africa. A estas torpissimas artes deve o Rio uma grande parte da emigração portugueza que alli aporta.

O governo de Portugal, sabendo da perfidia dos taes especuladores, já quiz estorvar-lha, e algumas medidas para isso tomou, mas ellas foram improficuas, e continuarão a sel-o em quanto a semelhante mal não se buscar cura radical. Consiste esta em crear no reino emprezas uteis, e em dar o maior desenvolvimento áquelles ramos de industria e commercio que elle póde admittir, de feição que a mocidade veja ao pé da porta meios de se enriquecer, sem expôr-se aos perigos e trabalhos que a falta de protecção a miudo lhe acarretam em terras longiquas, e estranhas.

Do *Publicador Maranhense* n.º 1:099 vejo eu que nos annos de 1849 e 1850 entraram só na côrte 8:049 portuguezes, dos quaes apenas 153 eram passageiros de ré. Os homens de trabalho subiram consequentemente a 7:896, deixando de ser açorianos ou minhotos, gente assaz laboriosa, apenas uns 440. Imaginemos agora que todos estes homens vinham, como os allemães, por conta do thesouro; ainda que cada um não lhe despendesse senão 50$000 rs. (tenho para mim que cada colono allemão importado pelo governo custa-lhe mui além de cem mil réis, e mesmo de duzentos mil), teria elle desembolçado muito mais de um milhão, que por consequencia economisou. E não é isto favor? A logica das paixões talvez negue esta verdade, mas o leitor imparcial sem hesitar a confessará.

Agora responderei ao *Progresso* n.º 23 de março ultimo.

Já eu disse que este periodico era muito mais moderado e polido do que os seus collegas *Argos* e *Estandarte*; agora accrescentarei que por pouco elle não foi completamente rasoavel. Se o não foi, talvez se deva isso ás circumstancias do tempo, as quaes não raro obrigam a gente involvida na politica, especialmente se essa gente aspira ás mais eminentes posições, a prestar homenagem a opiniões mui em voga, embora não se fundem ellas, salvo em motivos chimericos quasi sempre originados pelas paixões politicas.

Custa-me realmente a crer que homens de boas letras affirmem do coração, que se no Brazil a quasi totalidade do commercio a retalho permanece em mãos portuguezas, é, como refere o *Progresso*, por existir entre os portuguezes *como uma parede*, *um conluio a fim de excluir delle os brazileiros*; e muito menos posso isso acreditar quando observo que tão grave e perigosa criminação se apresenta despida de todas as provas de veracidade. Tendo em grande conta os meritos e o caracter verdadeiramente honesto da pessoa a quem se attribue o artigo a que respondo, não posso deixar de suppôr mui sincero quanto ella escreveu: todavia nem todos os propaladores desta opinião andam de boa fé; e demais, ainda quando todos os brazileiros que lançam sobre os filhos de Portugal a culpa de elles não se quererem dedicar ao commercio, nem aos officios mecanicos, só escrevessem e fallassem conforme os dictames das suas consciencias, sempre essa accusação, á vista dos factos, seria frivola, iniqua, e digna de ser pelos accusados energicamente repellida.

Pódem alguns negociantes mancommunar-se para vender por melhor preço uma fazenda qualquer, mas quem tiver alguma experiencia do mundo sem custo acreditará que taes concertos pouco duram. Como pois havia de durar desde a independencia (deve notar-se que os brazileiros em nenhuma épocha se deram mais á vida commercial do que hoje) um conluio feito não só entre os filhos de Portugal nesta provincia residentes, mas entre os de todo o imperio? Eu digo, de todo o imperio, porque desde que o infeliz desembargador Nunes Machado na sessão de 28 de junho de 1848 fallou na *parede estrangeira*, isto é, na parede portugueza, a balela do conluio *de adrede e calculadamente* tem sido espalhada desde o Amazonas quasi até o Prata.

É mui para crer que os portuguezes, que por ahi teem estabelecimentos de vender a retalho, com todos os habitos desses estabelecimentos, mui do coração desejem que não os constranjam a fechal-os, e que nas suas orações roguem aos santos da sua devoção que afastem para longe semelhante medida; porém, os santos certamente se não metterão com a questão do commercio a retalho dos brazileiros, e por consequencia, das taes supplicas nenhum perigo resultará. Comtudo, se ellas fossem criminosas, sem duvida seria esse o unico crime dos portuguezes neste assumpto. *(Continúa.)*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXII.

UM PORTUGUEZ ANTIGO.

(Concluido de pag. 428.)

A reparação era digna de um monarcha; o

pae de Catharina não pôde resistir-lhe. O joelho, antes rebelde, dobrou-se, e a voz de firme passou a tremula:

— « Senhor! — acudiu já sem occultar as lagrimas que saltavam pelos olhos — é uma espada que perdeu a honra, que nunca mais posso tirar. Não sabe v. magestade o que todos dizem? Minha filha está sendo amante do principe D. João!... Sou o pae della, sei que é falso, e não me atrevo a levantar a mão!... O seu unico dote era a boa fama, e essa... »

— « Está el-rei aqui para dizer que está pura, como desejaria a de suas proprias filhas! — interrompeu D. Pedro com dignidade. — « Se um erro involuntario offendeu uma familia distincta, sou o primeiro cavalheiro portuguez, e hei de cumprir os deveres que me impõe o sangue. D. Luiz, levante-se! Se me ouvisse tinha sido menos injusto. Tambem sou pae; avalio a sua dôr; e admiro o seu caracter... Tudo póde reparar-se querendo Deus. »

— « Como, sr.! É impossivel! » — gritou o desditoso pae, apertando as mãos com angustia.

— « Do modo que direi. Sabe aonde sua filha está a esta hora? »

— « Em Santa Clara. »

— « Engana-se. Ha de vir em caminho para casa de Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas. Mandei-a tirar do convento por ordem regia, e encarreguei o secretario das mercês de a executar. »

— « Senhor, senhor! » — exclamou D. Luiz deitando-se de joelhos aos pés de el-rei. — « V. magestade acabou de nos perder! Amanhã a voz geral... »

— « É que D. Catharina casa em uma familia tão illustre como a della! — atalhou el-rei sorrindo — « Diga-me: qual é o mal de que se queixa? »

— « A calumnia dos amores de s. alteza com minha filha! »

— « E se el-rei hontem recebesse um requerimento, pedindo ordem especial para o casamento de D. Catharina com o veador do principe, o conde de Aveiras, por se amarem extremosamente? E se a causa de sua filha se fazer religiosa sem vocação, e chorando o mundo pelo contrario, fosse unicamente o seu respeito e obediencia, quereria seu pae a infelicidade eterna della? Confesse, D. Luiz, sendo isto exacto, não fiz bem passando a ordem e mandando-o chamar para lhe pedir que concorde, e permitta o casamento? »

Extatico, o antigo fidalgo, olhava sem fallar. Achava-se em um mundo inteiramente novo. Entretanto o seu orgulho ainda foi bastante para o animar a exprimir uma especie de recusa.

— « Sendo exacto — disse elle — e concedendo-me el-rei a graça de o publicar, estamos salvos, não ha duvida; mas D. Catharina é muito pobre para o conde de Aveiras, e eu muito altivo para aceitar como esmola uma alliança que deve ser igual a todos os respeitos. »

— « Sejamos rasoaveis! — observou D. Pedro — A honra primeiro que tudo; mas depois da honra, menos fidalguia, e mais ternura. D. Catharina présa o conde; elle merece-a: o que ha de ser, seja!... Dei a minha palavra; e quero illustrar a casa de Aveiras, honrando-a com uma condessa da minha escolha. É coisa feita, D. Luiz! — accrescentou sorrindo. — Sou o padrinho; e as joias e o dote da condessa ficam por conta do meu presente de noivado: mas dentro em poucos dias casam; e hoje publica-se na côrte. Agora fallemos dos serviços do pae. Estou informado, e sei que estão por galardoar. D. Luiz, faço-lhe mercê de uma commenda de tres mil cruzados com sobrevivencia no esposo de sua filha. Creio que assim acabaram os seus escrupulos »?

— « Mas resta-me o remorso de conhecer tão tarde o magnanimo coração de el-rei. Senhor! — exclamou lançando-se aos pés do soberano, e cubrindo-lhe a mão de osculos respeitosos — deixe-me v. magestade expiar o meu peccado no exercito do marquez das Minas. Talvez eu lá não seja tão velho como aqui. »

— « Não, D. Luiz, na idade, em que estamos, é preciso descançar. Deixemos colher alguns louros tambem aos moços. Se eu fallecer primeiro — proseguiu com tristeza — lembre-se de mim, e conte alguma vez esta historia aos seus netos. Os reis gostam de ser estimados, mesmo depois de mortos. È a penitencia que lhe imponho pelo... arrebatamento de seu genio. »

— « Deus ha de affastar de nós tamanha calamidade » — acudiu D. Luiz enternecido.

— « S. alteza real! » — annunciou o marquez de Marialva.

Segundo o estilo, D. João vinha saber da saude de seu pae, e offerecer-lhe os seus respeitos. Depois de o abençoar, o monarcha abraçou-o, e virando-se para elle com bondade:

— « V. alteza — disse el-rei — ha de ter gosto em conhecer um fidalgo dos que estiveram em Montes Claros com o marquez de Marialva. Se

deseja saber como foi a derrota dos castelhanos, pergunte a D. Luiz de Athaide, que elle lh'o dirá. É um dos poucos que restam ainda de uma das maiores victorias da restauração. »

O principe olhou para seu pae, e deu a mão a beijar a D. Luiz. S. alteza, percebia-se, não podia combinar este agrado repentino com a severidade da noite antecedente. Da sua parte, D. Pedro desejando evitar qualquer explicação, acudiu logo:

— « As informações que tive hontem eram falsas; e em prova da minha amizade, saiba v. alteza que os seus desejos estão satisfeitos. A rogos meus D. Luiz auctorisa o casamento de D. Catharina de Athaide com o conde de Aveiras, seu veador; determinei ser o padrinho da noiva; e espero que v. alteza estimará sel-o tambem do conde. »

O principe inclinou-se com respeito. Voltando-se depois para D. Luiz accrescentou:

— « O pae de D. Catharina póde estar certo de que o marido de sua filha é digno das graças de s. magestade, e das virtudes dos seus antepassados. »

— « Obedeço ás ordens de el-rei e de v. alteza! »

— « O conde pae está na sala do docel; pódem fallar ambos. »

— « Adeus, D. Luiz! — gritou el-rei — Não se esqueça. Em poucos dias faz-se o casamento. »

Quando o fidalgo saíu, D. Pedro, pegando na mão de seu filho com amizade disse-lhe:

— « João, teu pae foi severo pelo grande amor que o cega. Ainda subsiste a tua repugnancia a casar na casa de Austria? »

— « A minha mão não é livre, já o expuz a v. magestade. »

— « E se ámanhã fosses rei? »

— « Era o mesmo. »

— « Deves a honra a alguma dama? »

— « Devo amor, que não é menos. »

— « E se ella te desobrigasse? »

— « Como a primeira paixão dos principes é o bem do estado, verdade que v. magestade hontem me deixou gravada, livre a minha palavra, farei o que mais convier ao esplendor da corôa. »

— « E até lá? »

— « Até lá... nada! »

— « O nome dessa dama? »

— « É um segredo. »

— « Para teu pae? » — observou D. Pedro sorrindo.

— « Sobretudo para el-rei! » — respondeu o principe com outro sorriso.

— « E se o descubrirmos? »

— « Como não acceito a minha palavra, senão livremente restituida — acudiu s. alteza friamente — é natural que el-rei não descubra nada! »

D. Pedro desgostoso despediu o principe com o gesto, e retirou-se. Nessa tarde chamou os medicos e o seu confessor; e como no dia seguinte não houve audiencia nem despacho, o povo dizia geralmente que el-rei adoecera gravemente.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Mais ácerca do novo palacio de cristal. — A *Patrie* de Paris dá os seguintes promenores do que vae construir-se nos Campos Elysios.

« O monumento terá de largura 248 metros por 110 de comprimento, occupando um espaço coberto que não será menos de 27:500 metros quadrados, maior que o jardim do Palais Royal, que não tem mais de 21:000 metros, e do que o pateo das Tulherias, que não passa de 23:000. Por meio de um novo systema de armação ou madeiramento, tenciona-se cobrir este immenso espaço sem que tenha o tecto ponto algum de apoio no interior. Essa cobertura, em que se empregarão alternativamente a madeira, o metal, e o vidro, deixará penetrar com profusão o ar e a luz, proporcionando destinar-se o edificio ás grandes reuniões de todo o genero: trinta portas facultarão segura e commoda circulação. Appresentará, pois, a seguinte duplicada vantagem: offerecer abrigo permanente ás grandes reuniões de homens, tão frequentes quanto indispensaveis n'uma cidade como é Paris; um local sempre disposto para as grandes exposições ordinarias e extraordinarias de objectos de arte e industria, proprio, além disso, para as grandes experiencias scientificas e industriaes, ordenadas pelo governo.

« Os gastos annuaes das festas publicas de Paris, os das construcções temporarias determinadas pela administração em certos casos, especialmente para as exposições, os que se fazem em cada anno, nos diversos districtos, para os bailes a beneficio dos pobres, poderão reduzir-se consideravelmente só pelo facto da existencia do grande salão, que póde tambem servir de hippodromo durante os mezes de inverno.

« M. Delamarre baptizou já este salão monumental com o nome de *Sala de Napoleão.* »

Navegação submarina. — Parece que o doutor Payerne resolveu em França de um modo satisfactorio o problema da navegação submarina. O seu barco é construido com fortes pranchas de ferro, unidas como as das caldeiras dos vapôres, e tem uma fórma elliptica, com algumas aberturas na parte su-

perior, cerradas com fortes cristaes para dar passagem á luz, e outra para a introducção do ar tambem convenientemente cerrada. Na parte inferior ha uma portinhola que se abre quando, submergido o barco, a equipagem se quer pôr em communicação com o fundo do mar.

Para começar a manobra de submersão condensa-se o ar interior por meio de bombas, dando-lhe uma pressão que depende da profundidade a que se pertende chegar, em receptaculos destinados para esse effeito.

A equipagem entra nesta habitação; e depois se introduz nos repartimentos que formam a parte anterior e posterior do barco a agua sufficiente, para que possa submergir-se mediante a addicção deste lastro. O ar comprimido, que se introduziu ao começar a manobra, acha-se encerrado em depositos que se poem em communicação com a camara, que occupa a equipagem, por meio de uma chave.

Antes de abrir a portinhola do fundo para as explorações que se pertendem fazer, começa-se equilibrando a pressão da atmosphera occupada pelos homens com a pressão que soffre o barco em a profundidade em que se acha; e consegue-se isto abrindo as chaves que communicam com os reservatorios do ar comprimido. Conhece-se que existe o equilibrio, quando uma chave que se abre no fundo não dá entrada á agua, nem sahida ao ar.

Despejando por meio de bombas parte da agua que serve de lastro, póde fazer-se outra vez subir o barco, ou mantel-o na altura conveniente. O barco leva tambem uma pequenina maquina de vapôr para a locomoção submarina, que se effectua por meio de um helice e que fórma a parte mais engenhosa deste descobrimento. Finalmente, o barco submarino vae provido de um aparelho destinado a manter o ar nas condições aptas para a respiração. Este aparelho absorve o acido carbonico produzido pela respiração e restitue ao ar o oxygenio perdido.

A experiencia demonstrou que por este meio pódem cinco homens permanecer encerrados sem sentir incommodo algum, e durante muitas horas, n'um espaço de sete metros cubicos hermeticamente fechado.

Mina de esmeraldas. — Tinha-se descoberto uma no Egypto, no monte Zabarach, proximo ás praias do Mar-Roxo. O bachá mandou-a explorar sob a direcção de um francez por nome Cailand, e foi abandonada no fim do reinado de Mehemet-Ali.

Ha pouco tempo uma companhia ingleza sollicitou e obteve a auctorisação de tomar a seu cargo a exploração, que, segundo parece, ainda offerece grandes riquezas. Fazendo-se recentemente grandes trabalhos no dito sitio, o engenheiro da empreza, M. R. Allan, achou a grande profundidade vestigios de uma galeria de mina summamente antiga. Effectuaram-se excavações em larga escala, e se encontraram ferramentas e utensilios de remota antiguidade, bem como uma lapide em que se vê gravada uma inscripção hyeroglifica. Isto prova a verdade da opinião emittida por MM. Cailand e Belzoni de que a mina fôra explorada em eras remotas. Estudada a inscripção, resulta que os primeiros trabalhos se emprehenderam no reinado de Sesostris o Magno ou Ramesses-Sesostris, que segundo a opinião geral vivia pelos annos de 1660 antes da vinda de Christo.

Escravatura. — A requerimento de Mr. J. Wilson, feito na camara dos communs de Inglaterra, se imprimiu um documento parlamentar, que contém com a exactidão possivel o numero de escravos embarcados na costa d'Africa e desembarcados cada anno na ilha de Cuba e no Brazil, desde 1842 até 1851 inclusivè. Parece que o numero total dos escravos transportados á Cuba durante esse periodo fôra de 43:499, e ao Brazil de 325:615, dos quaes 60:000 entraram em 1848, e 5:287 em 1851.

Incendio. — As ultimas noticias da China referem que na cidade de Victoria (Hong-Kong) houve um calamitoso incendio, que destruiu completamente 458 casas, sendo avaliada a perda em mais de trezentos contos de réis. O governo da terra tomou providencias para soccorrer as victimas dessa fatalidade; e postoque os inglezes abriram logo uma subscripção a favor das mesmas, os chinas não quizeram receber delles coisa alguma, sendo tal a sua fraternidade neste ponto que se protegem mutuamente, não carecendo, portanto, dos soccorros de estrangeiros, para quem olham sempre de má vontade.

Ponte extraordinaria. Trata-se de construir junto a Dirschan, circulo de Stutgard de Prussia, uma ponte pensil sobre o Vistula, de collossaes dimensões, pela qual deve passar o caminho de ferro de Leste. Terá 2:500 pés de comprimento e 63 de largura; o seu custo calcula-se em sete milhões e seiscentos mil francos, e as obras que terão de fazer-se em ambas as margens para assental-a, em onze milhões e quatrocentos mil. Na Europa não se conhece hoje obra de similhante magnitude.

BIBLIOGRAPHIA.

CATALOGO DO HORTO BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA. — Acaba de imprimir-se o Catalogo do horto botanico da eschola medico-cirurgica de Lisboa, por conta da mesma eschola, e por effeito da deliberação do seu conselho. Neste Catalogo enumeram-se mil oitocentas e cincoenta especies de plantas cultivadas no jardim, das quaes perto de oitocentas pertencem ás Floras, Lusitana, da Madeira e Açores, e as outras são exoticas, sendo, além disso, pela maior parte plantas medicinaes, alimentares, ou de outro modo uteis. As indicações para cada especie:

O nome scientifico, recebido hoje na sciencia.

A synonimia, a mais importante.

O nome trivial.

O porte da planta, ou a sua ordem de grandeza, desenvolvimento, e duração.

A habitação, com a designação, mais circumstanciada para as plantas lusitanas, das localidades em que teem sido encontradas.

A coordenação das plantas do Catalogo é a do jardim da eschola, e feita pelo methodo natural, segundo o *genera plantarum* de Karl Friederich Meisner, actual director do jardim botanico de Vienna de Austria. Um indice dos generos, tribus e ordens, outro dos nomes vulgares, facilitam o uso do Cata-

logo. Finalmente, precede-o uma lista, por ordem alphabetica, dos auctores a que no livro se faz referencia, ou porque determinaram e nomearam as especies, ou porque servem a compôr estes nomes os proprios nomes desses auctores, a cuja memoria foram dedicados, ou os generos, ou as especies, ou as divisões superiores na classificação seguida. As referencias á Flora e Phytographia de Brotero são feitas com especial cuidado, e nesse cuidado se teve particularmente em vista o indicar todas as alterações, que as indagações, ulteriores ás da Flora do nosso insigne botanico, obrigaram a fazer na determinação das especies; alterações, pelas quaes muitas das especies, que elle reputou Linneanas, foram depois reconhecidas especies distinctas. Algumas destas alterações ainda foram attendidas por Brotero na sua excellente obra, a Phytographia: as outras, porém, só foram conhecidas pelas publicações e trabalhos de Link, Boissier, Welwichtz, e de outros que exploraram a Peninsula, como botanicos, e tiveram a occasião, que Brotero não teve, de comparar os exemplares da nossa Flora com os dos herbarios typos, tanto da collecção Linneana, que existe em Londres, como das outras existentes nos primeiros gabinetes da Europa. O Catalogo menciona, além disso, plantas da nossa Flora, desconhecidas por Brotero, assim como refere noticias de habitação e outras, que os auctores do Catalogo colheram dos livros e jornaes, por onde existem espalhadas, ou de outro modo teem podido adquirir, e que por ora são pouco conhecidas entre nós.

Por este modo, e com a publicação do Catalogo, julgam os seus auctores, o dr. Gomes, e dr. Beirão, ter feito um serviço — aos alumnos da eschóla e demais pessoas que visitam o seu jardim, dando-lhes um guia seguro, que facilitará o estudo ahi feito; — aos pharmaceuticos em geral, porque hão de achar neste livro muitas indicações para as plantas medicinaes, que não encontram nos livros que teem mais á mão: — e tambem aos amadores da floricultura, porque acharão, enumeradas no Catalogo, bastantes das plantas, que se encontram nos jardins de ornamento dos arredores de Lisboa.

Serão depois enumeradas em supplementos as plantas que o jardim adquirir, e com as quaes fôr augmentando a sua collecção, os quaes supplementos serão opportunamente publicados.

Tomamos esta noticia do *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, numero de fevereiro do corrente anno. A redacção do mesmo jornal ajunta-lhe a seguinte nota.

A obra recommendavel, a que se refere a noticia que precede, é um volume em 8.° de 250 paginas. Completa e bem acabada, como está, junta mais um titulo de gloria a tantos outros que honram os seus auctores, e muito particularmente o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, esse professor distincto, a cujo zelo scientifico e desvelo incansavel devemos a creação, o desenvolvimento, a conservação e progresso do horto botanico, cujo Catalogo acaba de publicar-se.

THEATRO DE S. CARLOS.

Assistimos no domingo 18 do corrente á opera *Gemma de Vergy*, do insigne Donizetti, desempenhada pelas sr.as Arrigotti e Marco, e srs. Rossetti, Mancusi e Celestino.

Ou fosse porque não tivessem havido os ensaios precisos, ou fosse pela incerteza que quasi sempre accompanha os artistas em uma primeira representação, ou (o que nos parece mais provavel), por ambas estas circumstancias reunidas, a opera não correu como era para desejar.

Abstemo-nos por emquanto de entrar na analyse da sua execução, porque nos não julgamos sufficientemente habilitados por uma unica representação para emittir com fundamento o nosso juiso, e esperamos que nas subsequentes recitas a execução será mais satisfactoria.

Por hoje limitar-nos-hemos a dizer que o tenor sr. Rossetti, não obstante o receio de que visivelmente se achava possuido, por ser a primeira vez que comparecia perante o nosso publico, conseguiu agradar, e na sua *aria* foi recebido com applausos que não só serviram de testimunhar-lhe a approvação dos espectadores, mas tambem o animaram muito nesta noite solemne do seu debute.

Na segunda feira, em beneficio do sr. Mancusi deu-se de novo a opera *Sapho*. Houve tambem um *duetto* da opera *Regina di Golconda*, muito bem cantado pelos srs. Bonafós e Goré, e que agradou.

O bonito passo em caracter *A Styrienne* por M.me Monticelli e Mr. Cappon obteve entre applausos prolongados as merecidas honras do *bis*.

No *rondó da Sapho* a Sr.a Sannazaro despertou, como costuma, viva impressão no publico, e foi accolhida com palmas de sincero enthusiasmo.

D. R.

TYPOGRAPHIA
DA
REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE,
RUA DOS FANQUEIROS, 82.

ESTA Typographia, possuindo variedade de typos — optimos prelos de ferro — e usando de varias qualidades de tinta, feita por meio de novos processos chimicos, offerece ao publico a vantagem da composição correcta, da impressão nitida, e da tinta bem preta e fixa.

Toma conta de qualquer obra, seja livro, jornal, mappa, ou folheto; e se responsabilisa pela promptidão do que se lhe encarregar, no dia fixo que se prometter.

Os preços são regulados, conforme a edição, mas sempre modicos.